



Ano XIII N° 314 - Rio de Janeiro,

16 a 30 de abril de 2016

Palácio Tiradentes

ONDE A HISTÓRIA ACONTECE TODO DIA

edição especial de aniversário





Alferes JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER
"O TIRADENTES"

Senhoras e senhores, meu nome é Joaquim José da Silva Xavier, mas fiquei mais conhecido como Tiradentes. Fui dentista, alferes e um dos líderes da Inconfidência Mineira, movimento de oposição ao domínio da Coroa Portuguesa. Esse espaço onde, hoje, deputados e servidores trabalham para aprovar leis em benefício do Rio de Janeiro foi batizado com o meu nome pois fiquei preso aqui durante três anos, antes de ser enforcado, em 21 de abril de 1792.

O Palácio Tiradentes ainda nem existia (foi inaugurado em 6 de maio de 1926). Mas, desde os tem-

pos de Brasil Colônia, o local onde hoje está a sede da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) é um sítio histórico, que guarda parte importante da memória política do Brasil. Em 1640, a construção que aqui existia abrigava os três vereadores que cuidavam da cidade. Eles trabalhavam no andar de cima e embaixo ficava a cadeia. Daí o nome Cadeia Velha.

Foi só o começo. Nas próximas páginas, vocês poderão fazer um mergulho no passado e conhecer cada detalhe da história do imponente palácio que leva meu nome.

Expediente



Presidente - Jorge Picciani

- 1º **Vice-presidente** - Wagner Montes
- 2º **Vice-presidente** - André Ceciliano
- 3º **Vice-presidente** - Marcus Vinicius
- 4º **Vice-presidente** - Carlos Macedo
- 1º **Secretário** - Geraldo Pudim
- 2º **Secretário** - Samuel Malafaia
- 3º **Secretário** - Fábio Silva
- 4º **Secretário** - Pedro Augusto
- 1º **Suplente** - Zito
- 2º **Suplente** - Bebeto
- 3º **Suplente** - Renato Cozzolino
- 4º **Suplente** - Márcio Canella

JORNAL DA ALERJ

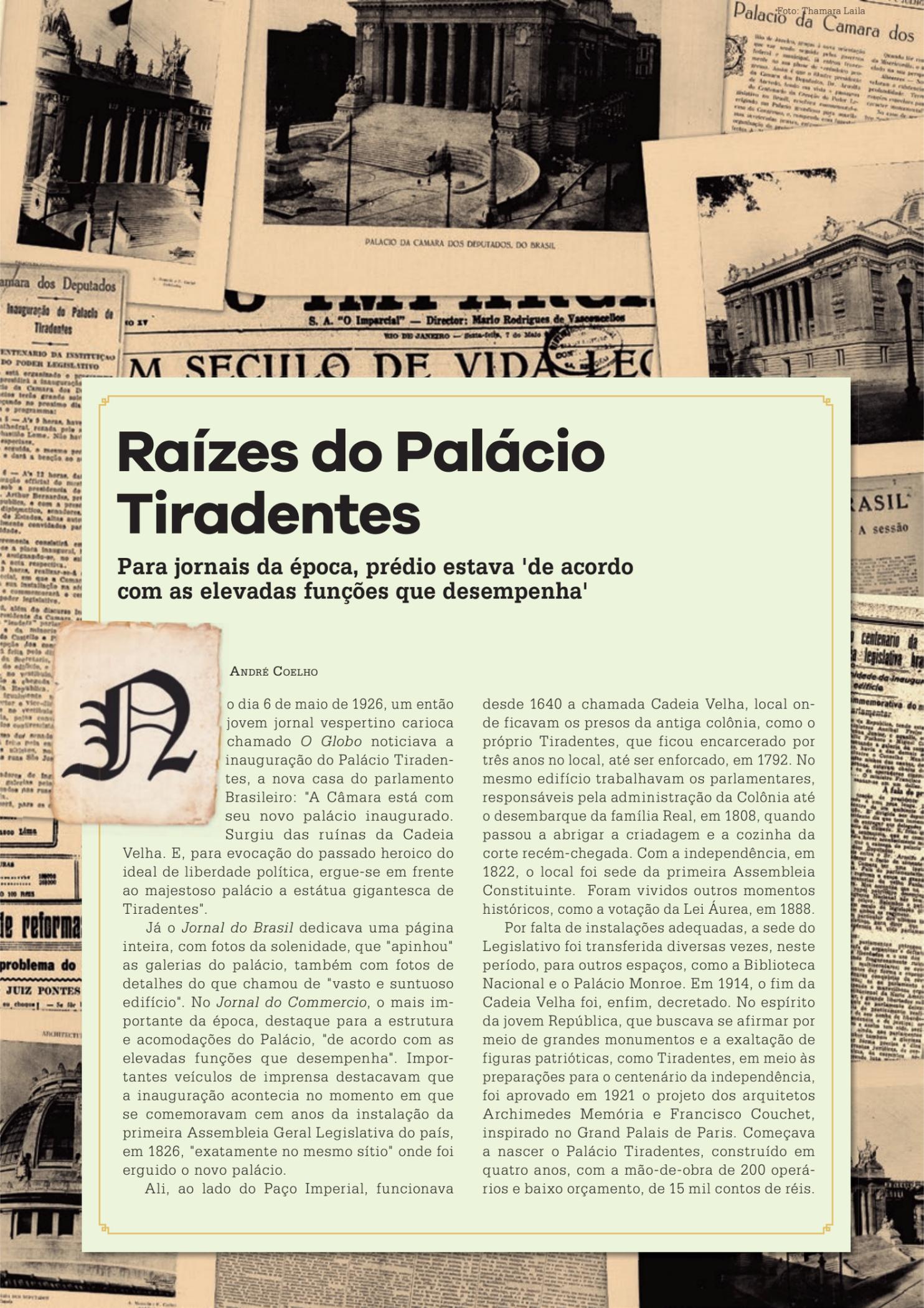
Publicação quinzenal da Subdiretoria de Comunicação Social da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
Jornalista responsável: Daniella Sholl (MTB 3847)
Editora: Mirella D'Elia
Coordenação: André Coelho e Jorge Ramos
Equipe: Buanna Rosa, Camilla Pontes, Isabela Cabral, Symone Munay, Tainah Vieira, Thamara Laia, Thiago Lontra (foto) e

Vanessa Schumacker.

Editor de Arte: Rodrigo Cortez
Editor de Fotografia: Rafael Wallace
Secretária da Redação: Regina Torres
Estagiários: Andressa Garcez (publicidade), Felipe Teixeira, Gustavo Natario, Lucas Moritz, Octacílio Farah (foto), Rayza Hannah (publicidade), Vitor Soares (foto).
Impressão: Imprensa Oficial
Tiragem: 4 mil exemplares
Telefones: (21) 2588-1404 / 1383

Rua Primeiro de Março s/nº, sala 406
Palácio Tiradentes - Centro
Rio de Janeiro/RJ - CEP 20.010-090
Email: dcs@alerj.rj.gov.br
Site: www.alerj.rj.gov.br
www.twitter.com/alerj
www.facebook.com/assembleiarj
Instagram: @instalerj

Capa: Thiago Lontra (foto)



Raízes do Palácio Tiradentes

Para jornais da época, prédio estava 'de acordo com as elevadas funções que desempenha'

ANDRÉ COELHO



O dia 6 de maio de 1926, um então jovem jornal vespertino carioca chamado *O Globo* noticiava a inauguração do Palácio Tiradentes, a nova casa do parlamento Brasileiro: "A Câmara está com seu novo palácio inaugurado. Surgiu das ruínas da Cadeia

Velha. E, para evocação do passado heroico do ideal de liberdade política, ergue-se em frente ao majestoso palácio a estátua gigantesca de Tiradentes".

Já o *Jornal do Brasil* dedicava uma página inteira, com fotos da solenidade, que "apinhou" as galerias do palácio, também com fotos de detalhes do que chamou de "vasto e suntuoso edifício". No *Jornal do Commercio*, o mais importante da época, destaque para a estrutura e acomodações do Palácio, "de acordo com as elevadas funções que desempenha". Importantes veículos de imprensa destacavam que a inauguração acontecia no momento em que se comemoravam cem anos da instalação da primeira Assembleia Geral Legislativa do país, em 1826, "exatamente no mesmo sítio" onde foi erguido o novo palácio.

Ali, ao lado do Paço Imperial, funcionava

desde 1640 a chamada Cadeia Velha, local onde ficavam os presos da antiga colônia, como o próprio Tiradentes, que ficou encarcerado por três anos no local, até ser enforcado, em 1792. No mesmo edifício trabalhavam os parlamentares, responsáveis pela administração da Colônia até o desembarque da família Real, em 1808, quando passou a abrigar a criadagem e a cozinha da corte recém-chegada. Com a independência, em 1822, o local foi sede da primeira Assembleia Constituinte. Foram vividos outros momentos históricos, como a votação da Lei Áurea, em 1888.

Por falta de instalações adequadas, a sede do Legislativo foi transferida diversas vezes, neste período, para outros espaços, como a Biblioteca Nacional e o Palácio Monroe. Em 1914, o fim da Cadeia Velha foi, enfim, decretado. No espírito da jovem República, que buscava se afirmar por meio de grandes monumentos e a exaltação de figuras patrióticas, como Tiradentes, em meio às preparações para o centenário da independência, foi aprovado em 1921 o projeto dos arquitetos Archimedes Memória e Francisco Couchet, inspirado no Grand Palais de Paris. Começava a nascer o Palácio Tiradentes, construído em quatro anos, com a mão-de-obra de 200 operários e baixo orçamento, de 15 mil contos de réis.

O poder nos detalhes

Museu vivo, Palácio Tiradentes possui rico acervo e foi erguido com inovações técnicas, doações e baixo custo

ISABELA CABRAL E FELIPE TEIXEIRA

O Palácio Tiradentes se enquadra no Ecletismo, uma mistura de estilos arquitetônicos. Com 3 mil metros quadrados de área coberta, tem 50 metros de altura e cinco pavimentos. Sua construção custou 15 mil contos de réis, metade do valor gasto no Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia, porque o então presidente da Câmara Federal, deputado Arnolfo de Azevedo, determinou parcimônia.

A obra teve inovações técnicas para a época, como o uso de concreto armado. Tudo foi feito com massa, inclusive as esculturas, as maiores do Brasil naquele período. Pedra e mármore, só na escadaria e nos balcões. Estados doaram dinheiro, materiais, móveis e objetos. Os cafeicultores paulistas também ajudaram. Daí as folhas de café que ornamentam ambientes do Palácio.

Na fachada frontal do prédio, estão esculturas que representam independência, República, ordem, progresso, sabedoria e soberania. Além disso, quatro estátuas evocam os eixos da riqueza nacional: agricultura, indústria, comércio e viação. No centro do coroamento da fachada, lê-se a inscrição LEX, "lei" em latim, em um escudo em que se apoiam as alegorias da autoridade e da liberdade.

Um dos destaques do interior do Palácio é o vitral da cúpula, de Cesar Alexandre Formenti, que representa o céu do Brasil na noite da Proclamação da República. Abaixo, oito painéis de Rodolfo Chambelland. Em estilo provençal, o salão nobre tem quatro sacadas de mármore. O teto é dividido em painéis de Thimoteo da Costa.

Por causa de seu rico acervo, além do fato de, até hoje, funcionar como parlamento, o Palácio Tiradentes é um museu vivo. O prédio é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

No topo do prédio, à direita da entrada principal, alegoria representa a proclamação da República



O salão nobre já foi usado para solenidades de posse de presidentes da República; detalhes nas paredes representam folhas de café

Foto: Mauro Pimentel



À esquerda, estátua que simboliza o progresso; acima, a cúpula do plenário, representando o céu do Brasil na noite da proclamação da República; à direita, ornamento religioso e relógio que decoram o plenário Barbosa Lima Sobrinho

Da Cadeia Velha à Casa do Povo



LINHA DO TEMPO

Confira a cronologia desse sítio histórico de 1640 até a sua transformação em Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

1792

Tiradentes sai da Cadeia Velha, onde ficou preso durante três anos, direto para a forca

1921

Cadeia Velha é demolida e, no ano seguinte, iniciam-se as obras do Palácio Tiradentes

1937

Início do Estado Novo. Palácio vira sede do DIP, órgão de censura

1960

Transferência da capital para Brasília; Palácio sedia Aleg

1640

Um sobrado no Largo do Paço abriga o Senado da Câmara e a cadeia pública da cidade, a Cadeia Velha

1888

Em sessão na Cadeia Velha, deputados aprovam a abolição da escravatura no país

1926

Inauguração do Palácio Tiradentes, então sede da Câmara dos Deputados

1934

Nova Constituição: garantia de leis trabalhistas e do voto feminino

1946

País ganha nova Constituição: todos são iguais perante a lei

1975

Fusão dos estados do Rio e da Guanabara; Palácio passa a sediar a Assembleia do Rio

Uma viagem de volta ao passado

Fotos: Arquivo/ Museu da Imagem e do Som



A Cadeia Velha foi o primeiro sobrado da cidade: construído em pedra e cal, abrigava uma cadeia e o Parlamento



Em 1922, é lançada a pedra fundamental da obra do Palácio pelo presidente Eptácio Pessoa (3º à esq.)



Obras levaram quatro anos e custaram 50% a menos que o Palácio Pedro Ernesto: ordem era economizar



Grandes sofás de couro ocupavam a entrada do Palácio da então Câmara dos Deputados: móveis foram doados



A Sala do Café, com belos afrescos e forrada por jacarandá, hoje é ocupada pela secretaria de Mesa Diretora



Inaugurado em 6 de maio de 1926, o Palácio foi sede da Câmara dos Deputados até a mudança para Brasília, em 1960

'Causos' curiosos

Conheça alguns personagens e histórias que fazem parte desses 90 anos

COM CUECA E SEM MANDATO

Edmundo Barreto Pinto foi o primeiro deputado cassado por falta de decoro no Brasil. O motivo? Uma foto de cueca. Em 1946, ele posou, em casa, para reportagem da revista *O*

Cruzeiro usando apenas fraque e cueca samba-canção. Alegou ter sido enganado pelos jornalistas. Foi cassado três anos depois, em sessão secreta da Câmara dos Deputados.



MORTE NO PALÁCIO

Em 1929, o Palácio Tiradentes foi cenário de confronto entre os deputados rivais Idelfonso Simões Lopes e Manuel Francisco Souza Filho. Atingido por uma bengalada, Idelfonso reagiu e atirou no opositor, que morreu na hora. Ele e o filho, que se envolveu na briga, foram presos, mas depois acabaram absolvidos.

ALERJ NA VANGUARDA

A cabine exposta hoje na visita guiada ao Palácio era usada nas votações secretas, extintas em 2001. A Alerj foi a primeira a abolir o voto secreto e a proibir o nepotismo, assim como criar as cotas na Uerj, o passe livre e reduzir as férias parlamentares, entre outras medidas pioneiras. É vanguarda como o Estado que representa.

MICROFONE NO PÉ

Na eleição em que Sérgio Cabral foi escolhido pela primeira vez presidente da Alerj, em 1995, o falecido deputado Sivuca ficou revoltado com o fato de a votação ter sido aberta. Em protesto, bateu com o pedestal do microfone no chão e acabou atingindo em cheio o pé da então deputada Solange Amaral.

PALÁCIO TATUADO NA PRÓPRIA PELE

A diretora de segurança da Assembleia Legislativa, Cristina Vilhena (foto ao lado), que trabalha no Palácio Tiradentes há 27 anos, tem tanto amor pelo local que resolveu tatuar a cúpula do Palácio

em seu próprio corpo. "Sinto tanto orgulho de cuidar deste lugar que resolvi gravá-lo em minha pele", contou Cristina. Coincidentemente, ela faz aniversário no dia 6 de maio, junto com o prédio.



TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO

Há 90 anos, como hoje, centro do Rio passava por grandes obras

Em 1922, demolição do Morro do Castelo: aterro deu origem ao bairro da Urca e ao futuro aterro do Flamengo, na Zona Sul

CAMILLA PONTES

As milhares de pessoas que circulam pelo entorno da Praça XV e convivem hoje com diversas obras que modificam a estrutura da região central da cidade não imaginam que, no início do século XX, o Rio passava por situação semelhante.

Se, hoje, a reurbanização do Centro é um legado das Olimpíadas, nos anos 20, o objetivo era dar uma cara nova para a cidade para a celebração do centenário de Independência do Brasil, quando o Rio de Janeiro dispôs-se a abrigar uma exposição internacional.

Com o propósito de transformar a capital brasileira em uma vitrine da nação, foi implementado um plano de reformas urbanas que, entre outras coisas, culminou com o arrasamento do morro do Castelo. Muitas das construções deste período foram inspiradas nas ruas e palácios de Paris, como o Theatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes, a Biblioteca Nacional e o próprio Palácio Tiradentes, inspirado no Grand Palais de Paris (erguido na exposição de 1900, na capital francesa).

Em 1922, a demolição do Morro do Castelo possibilitou os aterros que deram origem aos terrenos do futuro Aeroporto Santos Dumont, do bairro da Urca e do futuro aterro do Fla-

mengo, na Zona Sul.

Historiador e professor do Colégio Pedro II, Gabriel Siqueira conta que a reforma significou uma intensa transformação urbanística, social e cultural para a cidade. Contudo, a época também ficou marcada pela exclusão das camadas mais pobres. "O discurso do progresso e revitalização do centro excluía parcelas pobres e negras da sociedade. Por exemplo, a promulgação do Código de Conduta da Reforma proibia o comércio ambulante, a circulação de indivíduos sem camisa ou descalços pelo centro da cidade", lembra o professor.

Novos equipamentos

A três meses dos jogos olímpicos, o centro da capital está passando por nova fase de transformações. Em 2013, com a derrubada do elevador da Perimetral, foi iniciado o projeto Porto Maravilha, que busca valorizar a região, com a restauração de prédios históricos e a construção de novos equipamentos, como o Museu do Amanhã. A Praça XV, local de tantas transformações, será um dos pontos de parada do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), que terá 28 km de extensão, ligando a região portuária ao aeroporto Santos Dumont.

UMA PRAÇA DE MUITOS NOMES

Várzea de Nossa Senhora do Ó, Largo do Terreiro da Polé, Largo do Carmo, Praça do Carmo, Terreiro do Paço e Largo do Paço. Foram alguns dos nomes que a Praça XV já teve. Em 1870, era a Praça de Dom Pedro II, para lembrar o "Dia do Fico", quando o imperador anunciou,

do Paço Imperial, que não retornaria à Portugal, dando início ao processo que culminaria com a proclamação da independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822. A praça só ganhou o nome atual após a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

Luz, câmera, ação!

Palácio Tiradentes, cenário da sua própria história

VANESSA SCHUMACKER E BUANNA ROSA

Fotos: Reprodução/Internet



Daniel Dantas como o deputado Afonso Arinos, em *Getúlio*; e Wagner Moura em dois momentos: em *JK* e em *Tropa de Elite 2*

O Palácio Tiradentes já foi cenário de várias produções audiovisuais. Em alguns casos, como no filme *Os Últimos Dias de Getúlio*, de 2013, estrelado por Tony Ramos, reviveu cenas reais, pois foi no próprio plenário do Palácio Tiradentes que Carlos Lacerda fez seus mais inflamados discursos contra o presidente. No filme *Olga* (2003), a cena da leitura do manifesto do então deputado Luiz Carlos Prestes a favor da Aliança Nacional Libertadora contra o governo também foi gravada no mesmo local onde aconteceu, de verdade, aquela cena, assim como na minissérie *JK* (2006). *Tropa de Elite 2*, um dos grandes sucessos do cinema brasileiro, não apenas foi filmado na

Casa como retrata um momento recente da história da Assembleia Legislativa, sobre a CPI das Milícias, que aconteceu em 2008. Para gravar cenas do longa na biblioteca da Alerj, o cineasta José Padilha contou com uma equipe de cem pessoas. Mas nem só de filmes históricos vive o Palácio. Na TV, a novela *Caminho das Índias*, de 2009, transformou o Tiradentes em um palácio indiano. O saguão e os corredores do prédio construído em 1926 foram set de filmagem da minissérie *Maysa* (2008), da TV Globo, que contou a vida da cantora. A escolha foi do próprio diretor Jayme Monjardim, filho de Maysa, que já usou a locação em outras obras na televisão, como a novela *Páginas da vida*, exibida em 2007, também pela TV Globo.